

RESENHA:

BERTONHA, João Fábio. **O Brasil, os BRICS e o mundo no século XXI: estratégias nacionais de defesa e desafios geopolíticos em um mundo em transformação.** Curitiba: Editora Prismas, 2017.

Geopolítica do BRICS, EUA, Europa e Brasil no tempo presente

CÁSSIO AUGUSTO GUILHERME*



Algumas análises feitas no calor do fim da Guerra Fria apontavam para um longo período de incontestável hegemonia geopolítica dos Estados Unidos da América (EUA). O século XXI, entretanto, mostra um mundo mais multipolar do que se imaginava no final do século anterior. Nesse sentido, observa-se relativo declínio de influência dos EUA e da União Europeia (UE), enquanto os países reunidos no

BRICS tentam conquistar mais espaços. Fato é que o novo século apresenta um mundo em “transformações de grande monta no cenário estratégico e geopolítico” (p. 313).

Para os pesquisadores do tema, jornalistas de relações internacionais e também para o leitor comum, o livro “O Brasil, os BRICS e o mundo no século XXI: Estratégias Nacionais de Defesa e desafios geopolíticos em um mundo em transformação”, editado pela Prismas em 2017 e republicado pela Appris em 2019 é de leitura mais que recomendável. O autor é o historiador João Fábio Bertonha, de longa experiência e conhecimento no tema, que se utiliza de vasta bibliografia em várias línguas para discutir geopolítica no tempo presente.

O livro reúne quatorze artigos publicados por Bertonha nos últimos dez anos em conceituadas revistas e eventos sobre geopolítica no Brasil e no exterior, além de um texto inédito. Muitos deles não haviam sido publicados em língua

portuguesa e a reunião permite um excelente olhar panorâmico, sem perder a densidade, sobre os principais objetivos e desafios da política externa atual dos governos dos EUA, China, Rússia, Brasil e demais países do BRICS e da América do Sul. O autor transita com facilidade por muitos cenários, resgata o contexto histórico recente e elenca diversos dados econômicos e militares para, na perspectiva comparada, brindar o leitor com inúmeros questionamentos, provocações e tendências para o futuro próximo.

A publicação está dividida em três partes. Na primeira, em seis capítulos, o autor discute as mudanças recentes na geopolítica do século XXI. Os capítulos 01 e 05 têm foco nos EUA. Embora muito se fale em decadência da hegemonia estadunidense, o autor demonstra que ela é relativa: não há ameaça ao seu poder militar e cultural. Na economia, mesmo que existam maiores concorrentes, a rápida recuperação da crise de 2008 e a exploração do poder do dólar, uma arma em si para os EUA, demonstram que o país segue e seguirá por muito tempo como a principal economia do mundo.

No capítulo sobre a União Europeia, Bertonha aponta três questões centrais que dificultam ao continente recuperar a relevância geopolítica perdida há décadas. A expansão geográfica da UE pode ter altos custos culturais, econômicos e sociais; a indefinição sobre a organização política, em federação ou

confederação, os poderes do Parlamento Europeu e do Banco Central é desafio de custosa engenharia; a irrelevância militar e a dificuldade de estabelecer uma política externa comum para o bloco, completam o quadro.

Em outro capítulo, o autor discute o histórico recente da relação EUA-Rússia desde o fim da Guerra Fria. A herdeira da URSS perdeu território, população, capacidade militar e recursos naturais, mas, desde Vladimir Putin, a política externa russa tem buscado recuperar espaço e influência geopolítica. Esta discussão se liga a outro capítulo que analisa a crise na Ucrânia, colocando sob tensão não só EUA e Rússia, mas também a União Europeia. Por fim, esta primeira parte do livro tem também um capítulo inteiro dedicado à análise da nova Estratégia Nacional de Defesa (END) do Japão, que superdimensiona as ameaças chinesa e norte-coreana para justificar a volta do expansionismo militar.

A segunda parte do livro é dedicada ao continente americano. De início, Bertonha responde à questão se a hegemonia estadunidense na região está ameaçada. Embora Rússia, China e UE tenham conquistado espaço em algumas frentes, e a possibilidade de o Brasil se tornar líder regional seja incômoda para Washington, a soma de poder dos EUA ainda é consideravelmente superior. Em outro capítulo, o autor discute as relações assimétricas, de dependência econômica e militar

entre os vizinhos: Canadá/EUA e Argentina/Brasil.

O grande tema desta segunda parte da publicação é a corrida armamentista na América Latina e o poder que as Forças Armadas de cada país possuem ou buscam possuir. O autor apresenta dados sobre o poderio militar dos principais países, quanto têm gasto na compra de armamentos e quais os fatores internos que levou cada um a comprar mais armamentos. A remota chance de conflitos armados no continente faz com que os militares abduquem de sua função tradicional – a defesa das fronteiras contra inimigos internos – para participar ativamente da política interna ou então atuar como polícia na busca pelo prestígio perdido após o ciclo de Ditaduras militares na região.

A terceira parte do livro tem, nos seus cinco capítulos, o tema dos BRICS em perspectiva comparada ao Brasil. Embora o bloco seja a grande novidade geopolítica do início do século XXI, seus integrantes são muito diferentes entre si e competem em suas estratégias econômicas, militares e diplomáticas. O que os une é a busca por um mundo mais multipolar e menos hegemônico aos EUA. O autor tece comparações entre o Brasil e os demais países do bloco, especialmente na questão dos interesses geopolíticos.

É interessante o capítulo 11, que discute o uso da força militar pela diplomacia dos governos Lula e Dilma. O poderio militar

brasileiro chegou ao pior nível em 2008. Desde então, os governos do PT aumentaram o orçamento militar e fizeram diversas aquisições de equipamentos. Uma nova END foi criada em 2008 e revista em 2012. Bertonha discute os dados, os objetivos e a perspectiva futura destas estratégias. A todo momento, ele compara o Brasil aos demais países do BRICS.

Em outro capítulo mais teórico, o autor discute os conceitos de “ocidente” e “civilização”, em debate com Samuel Huntington, para concluir que a tese de decadência do Ocidente, muitas vezes alarmada na imprensa ocidental, é, na verdade, exagerada. No último e inédito texto do livro, o tema é a END da África do Sul.

Como se vê nesta resenha, o professor João Fábio Bertonha consegue transitar muito bem por uma série de assuntos. Ele apresenta dados e, com base em extensa bibliografia publicada em diversas línguas, consegue debater, de forma didática para o grande público e densa para os estudiosos no assunto, o tema da geopolítica mundial no século XXI. Entrelaçando os objetivos e estratégias de diferentes Estados, como EUA, China, Rússia, União Europeia, Brasil, Índia, Japão, África do Sul e países da América Latina, o livro é de grande contribuição para a compreensão do nosso passado recente.

Uma vez que o livro discute o cenário internacional no tempo presente, o crítico mais

apressado poderia pensar que as últimas movimentações no tabuleiro geopolítico tornam o livro desatualizado. Ao contrário. A leitura atenta do livro nos auxilia a compreender melhor o cenário internacional em que emergiram o Brexit, a eleição de Donald Trump e sua aparente guerra comercial contra

a China, o declínio dos governos pretensamente à esquerda na América do Sul e o crescimento da extrema-direita mundial, cuja eleição de Jair Bolsonaro no Brasil é significativa.

Recebido em 2019-04-08
Publicado em 2019-04-27



* **CÁSSIO AUGUSTO GUILHERME** é professor da Faculdade de História (FaHist) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).